



FALAR E CALAR. A DISTÂNCIA JUSTA.

Falar é hoje em dia uma quase obsessão. Opinar é quase uma obrigatoriedade. Manter o silêncio e observar, reflectir e manter um perfil discreto (low-profile) é uma raridade. Falar sobre o que não se sabe é sintoma de uma sociedade que gasta mais que amealha. No Bugei defendemos que é importante ao aluno ter uma postura de rectidão que dificilmente se obtêm estando tão virado para o exterior, a não ser que já se tenha feito muito trabalho interior, e isso é algo difícil, sem muitos anos de experiência (boas e más), daí a ligação entre idade avançada e sabedoria. Nascemos hoje a saber tudo. Será? Nas Artes Marciais falamos muito no conceito de MAAI, a distância justa que nos permita evitar o que há a evitar, colocarmo-nos no sítio certo para agir e mater o distanciamento correcto para ter uma visão, seja frontal, periférica ou global, o mais adequada possível ao momento e isto tanto no plano fisiológico/mecânico, mental e energético.

Antigamente os espartanos tinham o laconismo, sinónimo de breve, conciso, de poucas palavras. Eram um povo ligado ao essencial. Já a oratória, que não é palrar ou aventar disparates, é a arte de falar que deverá ter por trás conhecimento, conteúdo, algo mesmo que justifique o momento.

Gritamos para ser ouvidos porque não ouvimos, porque estamos surdos pelo barulho que os outros fazem, e pelos ruídos internos que vão nas nossas cabeças. Por outro lado também é raro darem-nos ouvido sobre o que falamos. Tempos duros de grande individualismo, e em que, paradoxalmente perdemos a nossa individualidade através de uma massificação niveladora e mediocrizante. Lembro uma frase cómica de um mestre que dizia-me... "Isto parece um cabaret de cegos!". A proximidade em que vivemos, a promiscuidade mental e física tornou-nos autistas. Acho que vivemos num cabaret de cegos e surdos em que chocamos com tudo e gritamos a plenos pulmões mas onde estamos cada vez mais sós, no meio de uma multidão ululante.

Quem não se sente bem sentado no alto de um monte, em silêncio, tendo o horizonte por cenário e a capacidade de, à distância, observar os pormenores? Porque não fazemos isso no nosso dia-a-dia? Uma conversa em silêncio com um amigo, momento de comunhão e cumplicidade mental e espiritual, é algo raro e valioso, mas para ter esse tesouro temos que nos educar, aprender a estar calados e a ouvir sem ser com os ouvidos.

Parte da violência que hoje vivemos reside na ausência de espaço físico e mental para estarmos à distância justa dos outros e manter o nosso equilíbrio, físico, mental e espiritual. Muitos estudos têm sido feitos sobre os efeitos que um espaço limitado, onde um grupo de pessoas está confinado, provoca nas emoções e nas tensões provenientes nas relações pessoais que se estabelecem. Há claramente um problema de



desequilíbrio energético. Recordo conversas que tive com um conhecido, que era imediato num submarino e onde ele dizia que, o espaço reduzido, o sistema de "cama quente" e a tensão para não falhar nas tarefas produziam tensões enormes no grupo e a sua tarefa mais importante era manter o grupo tranquilo e coeso, gerindo toda a energia existente. Falar é ocupar o espaço que por vezes deve estar vazio, tal como o espaço que medeia duas notas de música.

Falhar hoje é um pecado capital. Não há espaço para um processo de aprendizagem através do erro e assim todos querem mostrar que sabem, são especialistas. Assim o silêncio passou a ser sinónimo de ignorância.

Falamos para nos convenceremos que estamos vivos porque acabamos por duvidar dessa realidade. Mas na realidade falar é prata, ouvir é ouro.

Nestes tempos de relativismo, em que observamos como as palavras estão baratas, e os nossos dirigentes dizem e desdizem a todo o momento, devemos aprender a arte de calar não para ser subservientes mas para poder reflectir e aprender pois os erros são normais e desejáveis, mas permanecer indefinidamente neles é sinónimo de falta de carácter. Uma palavra, num breve espaço de tempo, pode destruir uma vida de esforço. Saibamos falar quando necessário e calar também, ambas as acções são sinal de inteligência e respeito pelo outro. É sinal que sabemos manter o nosso MAAI.